

Três imagens no tempo: medicação e vida

Ana Maria Hoepers Preve

Gil, artista plástico de Santa Maria/RS, desdobra sua obra numa linha de pesquisa visual, baseada na técnica da xilogravura. Vai dos vírus (vários) no corpo, passa pelas medicações até o corpo da obra plástica como acumulação rigorosa, casual, leve e precisa. Cartelas vazias de medicamento entintadas funcionam como carimbos ao tocarem superfícies de pano ou o de papel, desmancham a forma esvaziada dos comprimidos, desfazem a tal idéia de que comprimidos são feitos exclusivamente para curar. Nas telas, sua coleção de cartelas leva-nos ao novo mundo dos medicamentos cujo princípio ativo, as multiplicidades de cores e formas compostas apresentam-nos ao universo das misturas, das contaminações, da força desconhecida de um medicamento. Novas formas deformadoras do uso, do fim, da solução para a doença. Quanto maior o tempo de exposição ao medicamento tanto maior a produção de cartelas vazias, maiores as regiões do corpo ocupadas pelo medicamento, maiores as superfícies ocupadas por esses carimbos, maior a força com que as imagens nos chegam. Não interessa saber se AIDS mata (o que não mata?), mas o contato com essas obras dá a medida do que um corpo pode enquanto está vivo, ativo na produção de uma saúde que não é a *gorda saúde dominante*. Saúde de um corpo que experimentou um bocado de sensações e *"é capaz de compartilhar uma sensação com o outro"*¹. Uma cura?

Fabinho, ex-presidiária exhibe seu gosto por mulheres e diz a quem quiser ouvir *"eu sou a pessoa mais feliz desse mundo."* Estava presa quando a conheci durante os trabalhos com oficinas no Presídio Feminino de Florianópolis. Pouco tempo depois de nosso encontro descobriu através

de exame médico ser soropositivo. Chorava pelos cantos, sem fome, sem motivos para continuar vivo. Nada que se dissesse tentando animá-lo surtia efeito. A ausência de sua mulher – que conhecera na prisão e já estava fora sem dar notícias – se combinava com as tristezas próprias do aprisionamento e da doença e o faziam definhar. O cara ágil como um corisco, hábil em encantar a todos com suas histórias de cão solitário, suas conquistas amorosas e seus engenhosos e rocambolescos furtos – que embora fossem pequenos os levavam constantemente para ali – mostrava-se agora apagado, alquebrado e a repetir doído: “*vou morrer*”. A sua volta o coro funesto e condescendente das outras presas ecoava: “*dessa vez ela vai*”. Seca, com suas cicatrizes, tendo que arrancar seus últimos quatro dentes, o cão sarnento do Fabinho ficava ainda mais indesejado por estar com AIDS. Com isso tudo inspirava a repetição da tônica dos slogans das campanhas anti-AIDS então no seu auge: *AIDS mata*. Certo dia chega as suas mãos uma carta e uma fita cassete enviadas da liberdade por sua mulher dizendo, entre efusivas declarações de amor, que está arrumando a casinha a sua espera. Instantaneamente recomposto em seu brilho, força e vigor, Fabinho inunda os espaços da cadeia e diz para quem quiser ouvir: “*Se eu tenho esse tal de bichinho da Aids ele tá escondido na ponta do dedo mindinho do meu pé*”. A idéia da doença que dominou completamente o seu corpo, a partir do diagnóstico, e o corpo com *cabeça de maioria*² das suas relações no presídio foi por ele dominada, e o que chegou a representar uma possessão total era agora um ponto ínfimo no seu dedinho do pé. “*Eu sou a pessoa mais feliz desse mundo!*”. Uma cura?

Hélio... andarilho, roqueiro, filósofo, escritor, compositor. Habitava terras abertas, sem portas, prédios em construção. Uma vida vivida nos caminhos inventados de beira de estrada e praias. Suas composições se davam nesses trânsitos. O andarilho escolhe espaços, não habita lugares. Hoje, sua terra, “porto seguro” para alguns, é fechada, segura, medicada, policiada, de paredes que impedem horizontes. Os olhos do andarilho que antes percorriam espaços abertos esbarram nas paredes de um

manicômio judiciário e ele se sente cada vez mais cansado. Com seus passos lentos e pernas fracas carrega fraco o peso das grades. A cada dia esse peso aumenta e a força animal da vida aberta desaparece como chama que o vento apaga. A instituição prisional e manicomial suga o brilho dessas vidas que acolhiam o inesperado. Os medicamentos distribuídos largamente como proposta de cura não fazem mais que controlar as forças animais e inventar docilidades de instituição. Hoje o Andarilho que outrora percorrera longas distâncias se locomove devagar: anda para comer, para dormir, para tomar comprimidos, para dar conta dos simples movimentos corriqueiros do dia-a-dia numa instituição fechada. O andarilho, filósofo, escritor, poeta, roqueiro, como sempre se definiu, enfraquece; seus cadernos de poesias e pensamentos foram roubados (*"uma grande perda na vida"*, segundo ele) e hoje sem conseguir escrever uma linha sequer passa a maior parte do tempo trancado na enfermaria-cela prisional: *"aquí não dá pra escrever."* Outro dia, pela segunda vez, me disse sem brilho e sem alegria, com a força de quem está quase se apagando: *"estou indo embora"*. Uma onda de tristeza. *"Acharam um lugar pra mim, uma residência em J.... Vou pra lá. Mas não vou poder voltar para aquela vida."* Sair, estar em liberdade, implica continuar tomando sua medicação e, todo mês, ir buscá-la num CAPS ou num posto de saúde próximo *ao seu bairro*. (Andarilho tem bairro?) Um andarilho ocupa espaços, flutua neles, habita a imensidão da terra e desloca-se na intensidade dos movimentos dela... Fixo, preso a qualquer instituição, perde a saúde. Forças domesticadas não fazem bem ao homem da terra aberta. A instituição fixa. Não sorri mais, não mais escreve. *"Eu era de mente rápida e esperto e hoje tenho esquecimento. Eu vou virar caretão. Pior é que eu não tinha essa doença, eu não tinha nada, eu me sentia bem pra dedél"*. Uma cura?

"Uma branquinha, duas rosinhas, e uma azul. Às vezes uma verdinha, alaranjadinha". Comprimidos que nos atravessam a todos. Tomamos comprimidos para qualquer dor, poucos de nós estão livres deles. Entregues aos medicamentos e atravessados pelo sol, pelo vento,

pela tela do computador, pelo café, sal, açúcar, óleos, tomate, pelos vírus e bactérias, pelo álcool e pelo leite, pelas paisagens e músicas, pela informação. Estamos no meio. O que fazemos com as forças do mundo que dobramos?

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda em Educação no Laboratório de Estudos Audiovisuais Olho. Professora no curso de Geografia/UDESC.

¹ Escritos de Antonin Artaud. Tradução, prefácio, seleção e notas de Claudio Willer. Porto Alegre: LP&M, 1986, p. 164. (Coleção Rebeldes Malditos)

² A expressão cabeça de maioria vem de Guilherme Corrêa no texto Juventude, in VERVE, Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária/programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. No. 14 (outubro 2008). São Paulo: o Programa, 2008.